

Heidi

Johanna Spyri



Tradução
Fernanda Mello



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Título original
Heidi

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Johanna Spyri

Diagramação
Linea Editora

Tradução
BR75 | Fernanda Mello

Design de capa
Ciranda Cultural

Editora
Michele de Souza Barbosa

Imagens
Melissa Wiederrecht/shutterstock.com;
Natasha_Mor/shutterstock.com;
Ardea-studio/shutterstock.com;

Revisão
BR75 | Laura Arbex
Alex de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S772h	Spyri, Johanna
Heidi/ Johanna Spyri; traduzido por Fernanda Mello. - Jandira, SP : Principis, 2021. 192 p. ; 15,50cm x 22,60cm. (Clássicos da literatura mundial).	
Título original: Heidi ISBN: 978-65-5552-352-2	
1. Literatura infantojuvenil. 2. Família. 3. Felicidade. 4. Afeto. I. Mello, Fernanda. II. Título.	
2021-0134	CDD 028.5 CDU 82-93

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil : 028.5
2. Literatura infantojuvenil : 82-93

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Heidi sobe a montanha pela primeira vez.....	7
Uma casa nova com o avô	14
Pequeno Urso e Pequeno Cisne.....	19
Descendo a montanha	28
Uma viagem ferroviária	38
Clara, a pequena paciente.....	45
A governanta hostil	51
Surpresa para as crianças.....	60
Senhor Sesemann fica do lado de Heidi.....	67
A adorável avó de Clara	71
Saudade de casa	77
Minha casa é assombrada.....	80
De volta à montanha	88
O casaco com botões prateados.....	99
Um grande desapontamento.....	107
O médico chega com presentes	111
Passeios nas montanhas.....	119
Uma casa nova para o inverno.....	126
Heidi ensina ao teimoso Peter	134
Uma estranha procissão.....	142
Dias felizes para a pequena visitante.....	155
O malvado Peter e a infeliz cadeira.....	161
Adeus à bela montanha	173



Heidi sobe a montanha pela primeira vez

Em uma reluzente manhã de junho, duas pessoas – uma garota alta e uma criança – podiam ser vistas subindo uma trilha estreita que se erguia do belo vilarejo de Mayenfeld até as grandiosas alturas da montanha Alm. Apesar do sol quente de junho, a criança estava vestida como se fosse enfrentar o frio mais penetrante. Não parecia ter mais de 5 anos, mas seria difícil dizer como era seu físico, pois aparentemente usava dois vestidos, um por cima do outro, e um grosso xale de lã vermelho. Seus pezinhos estavam presos em pesados calçados para montanhas.

Quando as caminhantes chegaram ao vilarejo conhecido como Doerfli, a meio caminho do topo da montanha, foram recebidas com saudações de todos os lados, pois a garota mais velha estava agora em seu antigo lar. Ao saírem do vilarejo, uma voz chamou:

– Espere um momento, Dete. Se estiver indo para a montanha, irei com você.

A garota a quem a voz se dirigia ficou parada e a criança imediatamente soltou sua mão e se sentou no chão.

– Você está cansada, Heidi? – perguntou sua companheira.

– Não, estou com calor – respondeu a criança.

– Logo chegaremos ao topo. Você só precisa caminhar corajosamente um pouco mais, com bons e longos passos, e em mais uma hora estaremos lá – disse Dete.

Estavam agora acompanhadas de uma mulher corpulenta e de boa aparência que seguiu adiante com a velha conhecida.

– E aonde você vai com a criança? – perguntou a mulher que acabara de se juntar às viajantes. – Suponho que seja a menina que sua irmã deixou?

– Sim – respondeu Dete. – Vou levá-la ao Tio, com quem ela vai ficar.

– Essa criança ficará com o Tio Alm! Você deve estar fora de si, Dete! Como pode pensar nisso? O velho logo vai mandar vocês embora!

– Ele não pode fazer isso, é o avô dela. Tem que fazer alguma coisa por ela. Cuidei da criança até agora, e, posso lhe dizer, Barbel, que não será por ela que desistirei da oportunidade que acabei de receber de ir para um bom lugar.

– Estaria tudo bem se ele fosse como as outras pessoas – disse Barbel –, mas você sabe como ele é. E o que pode fazer com uma criança, principalmente uma tão nova! A menina não pode viver com ele. Mas para onde você está pensando em ir?

– Para Frankfurt, onde um emprego extraordinário me aguarda – respondeu Dete.

– Estou feliz por não ser essa criança – disse Barbel. – Ninguém sabe nada sobre o velho lá em cima. Ele nunca fala com ninguém e, ano após ano, nunca põe os pés em uma igreja. Quando desce de vez em quando, todo mundo abre caminho. A mera visão dele, de espessas sobrancelhas grisalhas e imensa barba, é suficientemente assustadora. Dizem todo tipo de coisa sobre ele. Mas você, Dete, com certeza deve ter ouvido de sua irmã bastante coisa sobre ele.

– Sim, mas não vou repetir o que ouvi. Imagina se chega aos ouvidos dele. Vou criar um problema sem fim com isso.

Barbel pôs o braço em volta de Dete com um tom de confiança e disse:

HEIDI

– Então só me diga o que há de errado com o velho? Ele sempre viveu isolado como agora e sempre foi tão rabugento? Eu lhe juro que segurarei a língua se me disser.

– Muito bem, então vou dizer, mas espere um pouco – disse Dete, olhando ao redor em busca de Heidi, que tinha escapulado sem que ela percebesse.

– Já vi onde ela está – afirmou Barbel –, olha lá! – e apontou para um lugar distante da trilha. – Está subindo a encosta com Peter e as cabras. Mas me fale sobre o velho. Ele já teve alguma coisa além das duas cabras e da cabana?

– Acho que sim – respondeu Dete, animada. – Foi proprietário de uma das maiores fazendas de Domleschg, onde minha mãe morava. Mas bebia muito e perdeu toda a propriedade no jogo, e, quando a mãe e o pai dele ficaram sabendo, morreram de tristeza, um logo depois do outro. O Tio, não tendo nada além do nome manchado, desapareceu e disseram que tinha ido para Nápoles como soldado. Depois de 12 ou 15 anos reapareceu em Domleschg carregando um filho pequeno, que tentou deixar com alguns parentes. Mas todas as portas foram fechadas em sua cara, ninguém queria ter nada a ver com ele. Amargurado por esse tratamento, jurou nunca mais pisar em Domleschg. Então veio para Doerfli, onde viveu com o garotinho. Parece que a esposa morreu logo após o nascimento da criança. Ele deve ter juntado algum dinheiro em sua ausência, pois o filho, Tobias, virou aprendiz de carpinteiro. Era um rapaz sereno e foi gentilmente recebido por todos em Doerfli. Mas o pai ainda era visto com desconfiança e havia até rumores de que tinha matado um homem em uma briga em Nápoles.

– Mas por que todos o chamam de Tio? Ele certamente não pode ser tio de todos que moram em Doerfli – disse Barbel.

– Nossas avós eram parentes, então costumávamos chamá-lo de Tio e, como meu pai tinha ligações familiares com muitas pessoas em Doerfli, logo todos adquiriram o hábito de chamá-lo de Tio – explicou Dete.

– E o que aconteceu com Tobias? – perguntou Barbel, que ouvia com profundo interesse.

– Tobias aprendeu o ofício em Mels e, quando concluiu o aprendizado, voltou a Doerfli e se casou com minha irmã, Adelaide. Mas sua felicidade

não durou muito. Tobias morreu em um acidente. A esposa foi dominada por tamanha tristeza que teve uma febre da qual nunca se recuperou. Ela sempre foi muito delicada e sujeita a estranhas crises, durante as quais ninguém sabia se estava acordada ou dormindo. E então, dois meses depois de Tobias ter sido levado ao túmulo, a esposa o seguiu.

– Seu triste destino era a conversa de todos, de longe e de perto, e a opinião geral era de que tinha sido um castigo que o Tio mereceu pela vida sem Deus que tinha levado. Nosso clérigo se esforçou para despertar sua consciência, mas o velho ficou apenas mais furioso e teimoso e não quis falar com ninguém. De repente, ouvimos falar que tinha ido morar na montanha Alm e que não pretendia mais descer. Desde então leva uma vida solitária lá em cima e todos agora o conhecem pelo nome de Tio Alm. Mamãe e eu levamos a pequenina de Adelaide, na época com apenas 1 ano de idade, aos nossos cuidados. Quando mamãe morreu no ano passado e fui para os banhos públicos ganhar algum dinheiro, paguei ao velho Ursel para cuidar dela. Então, perceba que fiz meu dever, e agora é a vez do Tio. Mas para onde você está indo mesmo, Barbel? Estamos a meio caminho da Alm.

– Acabamos de chegar ao lugar que eu queria – respondeu Barbel. – Preciso ver a mãe de Peter, que está fiando algumas coisas para mim. Então adeus, Dete, e boa sorte.

Ela foi em direção a uma cabaninha marrom escura, a poucos passos do caminho, em uma depressão que oferecia certa proteção contra o vento da montanha.

Ali vivia Peter, um menino de 11 anos, com a mãe, Brigitta, e a avó cega que era conhecida por todos os jovens e velhos da vizinhança apenas como “Vó”.

Toda manhã, Peter descia a Doerfli para pegar um bando de cabras para pastar na montanha. No pôr do sol, descia novamente a montanha com seus animais de passos ágeis. Quando chegava a Doerfli, dava um assovio estridente, e então os proprietários das cabras apareciam para levar para casa os animais que lhes pertenciam.

Dete ficou parada por uns longos dez minutos, olhando ao redor em todas as direções em busca de algum sinal de crianças e cabras. Enquanto isso, Heidi e o pastor de cabras subiam ao longe, serpenteando, porque Peter

HEIDI

conhecia muitos pontos onde todos os tipos de boa comida, em arbustos e plantas, cresciam para suas cabras. A criança, exausta com o calor e o peso das roupas grossas, estava ofegante e se esforçava atrás dele, a princípio com alguma dificuldade. Ela não dizia nada, mas seus olhinhos ficavam observando Peter saltar com agilidade para lá e para cá com os pés descalços e os calções curtos e leves; e as cabras de patas finas saltarem sobre rochas e arbustos. De repente ela se sentou no chão e começou a tirar os calçados e as meias. Então desenrolou o xale vermelho e quente e tirou o vestido. Mas ainda tinha outro para tirar, pois Dete havia posto o vestido de domingo sobre o do dia a dia, para evitar o trabalho de carregá-lo. Rápido como um relâmpago, o vestido do dia a dia seguiu o outro e agora a criança se levantava apenas com uma camisa leve de manga curta sob a roupa. Ela esticou os bracinhos descobertos com alegria. Deixando todas as roupas em um montinho organizado e foi pular e correr atrás de Peter e das cabras com tanta agilidade quanto qualquer outro daquele grupo.

Agora que Heidi podia se mover com facilidade, começou a conversar com Peter. Perguntou a ele quantas cabras tinha, aonde ia com elas e o que tinha que fazer quando chegassem lá. Por fim, depois de algum tempo, ficaram ao alcance da vista de Dete, que mal avistou o pequeno grupo subindo em sua direção e gritou:

– Heidi, o que você está fazendo? O que você fez? Onde estão seus dois vestidos e o xale vermelho? E os sapatos novos que comprei e as meias novas que tricotei ... tudo perdido! Não sobrou nada! O que está pensando, Heidi? Onde estão todas as suas roupas?

A criança apontou calmamente para um ponto abaixo, na lateral da montanha, e respondeu:

– Lá embaixo.

– Você é uma coisinha imprestável! – exclamou Dete, furiosa. – O que passou em sua cabeça para fazer isso? O que a fez se despir? O que significa isso?

– Não quero roupa nenhuma – disse Heidi.

– Sua criança miserável e imprudente! Você enlouqueceu? – continuou Dete, repreendendo-a e se lamentando. – Peter, vá buscá-las para mim o

mais rápido possível e lhe compensarei – ela lhe mostrou uma nota novinha e brilhante que reluzia ao sol.

Peter desceu imediatamente para a lateral íngreme da montanha, pegando um atalho, e voltou tão rápido com as roupas que Dete foi obrigada a elogiá-lo quando ele as entregou. Peter logo enfiou a nota no bolso, o rosto radiante de alegria, porque não era sempre que se tornava o feliz possuidor dessa riqueza.

– Você pode levar as coisas para mim até a casa do Tio, já que vai pelo mesmo caminho – prosseguiu Dete preparando-se para continuar a subida pela lateral da montanha, que se erguia em uma escarpa íngreme bem atrás da cabana do pastor de cabras. Peter se comprometeu a carregar de boa vontade e a seguiu. Depois de subirem uns 45 minutos, chegaram ao topo da montanha Alm. A cabana do Tio ficava em uma saliência da rocha, exposta aos ventos, onde cada raio de sol podia tocá-la e de onde se tinha uma visão completa do vale abaixo. Atrás da cabana havia três velhos abetos, com galhos longos, grossos e não aparados. Atrás deles, erguia-se outra parede de montanha, as partes mais baixas ainda cobertas de belas plantas e grama.

Encostado na cabana, na parte voltada para o vale, o Tio havia colocado um assento. Estava ali sentado, o cachimbo na boca e as mãos nos joelhos, olhando a paisagem quando de repente as crianças, as cabras e Dete surgiram em seu campo de visão. Heidi foi a primeira a chegar ao topo. Ela foi direto na direção do velho, estendeu a mão e disse:

– Boa noite, vô.

– Ora, ora, o que significa isso? – perguntou com aspereza, dando à criança uma abrupta sacudida como aperto de mão e olhando para ela sob as sobranceiras espessas. Heidi o encarou fixamente, o olhar inabalável. Enquanto isso, Dete chegou e Peter atrás dela.

– Um bom dia, Tio – disse Dete, caminhando em sua direção. – Eu lhe trouxe a filha de Tobias e Adelaide. Você mal irá reconhecê-la, já que não a vê desde que tinha 1 ano de idade.

– E o que a criança tem a ver comigo aqui em cima? – perguntou o velho, seco. – Você aí – gritou para Peter –, vá embora com as cabras, não chegou cedo como deveria, e leve as minhas com você.

HEIDI

Peter obedeceu na mesma hora e logo desapareceu.

– A menina está aqui para ficar com o senhor – respondeu Dete. – Cumpri meu dever com ela nesses quatro anos e agora é hora de cumprir com o seu.

– É isso, então? – questionou o velho, enquanto a encarava com fogo nos olhos. – E quando a criança começar a se inquietar e se queixar de sua falta, o que devo fazer?

– Isso é problema seu – rebateu Dete. – Se não conseguir cuidar dela, faça o que quiser. Será responsabilizado pelo que lhe acontecer, embora dificilmente precise aumentar o peso que já tem na consciência.

Mas a própria consciência de Dete não estava muito tranquila com o que fazia. Consequentemente, sentia-se em conflito e irritada, e disse mais do que pretendia. Quando proferiu as últimas palavras, o Tio se levantou do assento. Ele olhou para ela de um jeito que a fez recuar um ou dois passos, depois estendeu o braço e lhe disse, com voz de comando:

– Saia daqui agora e volte o mais rápido possível para o lugar de onde veio e não me deixe ver seu rosto de novo tão cedo.

Dete não esperou para ouvir duas vezes.

– Adeus para você, então, e para você também, Heidi – disse ela enquanto se virava rapidamente e começava a descer a montanha em ritmo acelerado, que não diminuiu até se encontrar de novo em segurança em Doerfli.



Uma casa nova com o avô

Assim que Dete desapareceu, o velho voltou ao banco e ali permaneceu, olhando para o chão, sem emitir um ruído, enquanto espessos espirais de fumaça flutuavam de seu cachimbo. Enquanto isso, Heidi se divertia no novo ambiente. Ela olhou ao redor até encontrar um galpão, construído do lado da cabana, onde as cabras eram mantidas. Ela espiou e viu que estava vazio. Continuou sua busca, mas logo voltou para onde o avô estava sentado. Percebendo que ele estava exatamente na posição de quando o deixou, ela se colocou a sua frente e disse:

– Quero ver o que você tem dentro de casa.

– Venha, então!

E o avô se levantou e tomou a frente em direção à cabana.

– Traga sua trouxa de roupa – sugeriu enquanto ela o seguia.

– Não as quero mais – respondeu imediatamente a menina.

O velho se virou e olhou atentamente para a criança, cujos olhos escuros brilhavam de encantada expectativa pelo que veria dentro da casa do avô.

– Ela certamente não está agindo com inteligência – murmurou para si mesmo. – E por que você não as quer mais? – perguntou ele em voz alta.

HEIDI

– Porque quero acompanhar as cabras com as pernas finas e leves.

– Bem, você pode fazer isso, se quiser – disse o avô –, mas traga suas coisas para dentro, precisamos colocá-las no armário.

Heidi fez o que lhe foi pedido. O velho abriu a porta e Heidi entrou atrás dele. Ela se viu em uma sala de bom tamanho, que abrangia todo o andar de baixo da cabana. Uma mesa e uma cadeira eram os únicos móveis. Em um canto estava a cama do avô, em outro, a lareira, com uma grande chaleira pendurada. Do outro lado havia uma grande porta na parede – era o armário. O avô o abriu. Dentro havia suas roupas. Em uma segunda prateleira havia alguns pratos, xícaras e copos, e, mais no alto, um pão redondo, carne defumada e queijo. Tudo de que Tio Alm precisava para sua alimentação e vestimenta estava naquele armário. Heidi enfiou a trouxa de roupa o mais longe possível das coisas do avô, para que não pudessem ser encontradas com facilidade. Então olhou cuidadosamente pela sala e perguntou:

– Onde vou dormir, vovô?

– Onde você quiser – respondeu ele.

Heidi estava encantada e logo começou a examinar todos os cantos e recantos para descobrir onde seria mais agradável dormir. No canto perto da cama do avô, viu uma escadinha encostada na parede. Então a subiu e se viu no palheiro. Havia uma grande pilha de feno fresco e perfumado, e por uma janela redonda na parede conseguia observar o vale.

– Vou dormir aqui, vovô – disse ela –, aqui em cima é adorável. Suba e veja como é lindo!

– Ah, sei como é – respondeu ele.

– Estou preparando a cama agora – disse ela, enquanto se movia para lá e para cá, ocupada em sua tarefa –, mas gostaria que você me trouxesse um lençol. Não se pode ter uma cama sem lençol, é preciso para se deitar por cima.

– Tudo bem – disse o avô. Ele então foi até o armário e, depois de vasculhar por alguns minutos, puxou um pedaço longo e grosso de tecido, que era tudo o que tinha para fazer de lençol. Ele o levou até o palheiro, onde viu que Heidi já havia feito uma boa cama. A menina tinha colocado uma pilha extra de feno em uma das extremidades para fazer de travesseiro e a